

GRATA LEMBRANÇA MEMÓRIA E CELEBRAÇÃO

(Grateful Remembrance: Memory and Celebration)

Prof. Dr. José Ulisses Leva

Professor de História Eclesiástica

Faculdade de Teologia PUC SP

E-mail: juleva@pucsp.br

RESUMO

Grata lembrança: Memória e Celebração remontam os meus estudos de Teologia e, em particular a Carta Encíclica do Sumo Pontífice Beato João Paulo II sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja e no mundo. Faz memória ao Concílio Ecumênico Vaticano II especialmente a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, destacando o Capítulo VIII sobre a Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja. Por fim torna presente momentos agradáveis vividos e celebrados em Família principalmente do carinho legado pelos meus antepassados para com Nossa Senhora com o Livro *Famiglia Zechinel Leva*.

Palavras-chave: Carta Encíclica. *Lumen Gentium*. Virgem Maria.

ABSTRATC

Grateful memory: memory and celebration dates back to my studies in theology, and in particular the encyclical letter of his Holiness Pope John Paul II Blessed on the Blessed Virgin Mary in the life of the Church and in the world. Does memory to the Ecumenical Council Vatican II especially the dogmatic Constitution *Lumen Gentium* on the Church, Chapter VIII on the Blessed Virgin Mary mother of God in the mystery of Christ and the Church. Finally makes this pleasant moments lived and concluded mainly caring family legacy by my ancestors to our Lady with the book *Famiglia Zechinel Leva*.

Keywords: Letter Encyclical. *Lumen Gentium*. Virgin Mary.

INTRODUÇÃO

Grata lembrança: Memória e Celebração fazem reviver momentos agradáveis e comemorados. É pontuar e recordar acontecimentos que marcaram a vida. Há exatos 25 anos o Beato João Paulo II lembrava a presença terna e carinhosa de Maria Santíssima na vida da Igreja e no mundo quando nos presenteou com a Carta Encíclica¹ sobre Nossa Senhora. Assim lembrava o Santo Padre *O vínculo especial da humanidade com essa Mãe foi precisamente o que me levou a proclamar na Igreja, no período que antecede a conclusão do segundo milênio do nascimento de Cristo, um Ano Mariano*.²

Um quarto de século se passou desde que o Beato João Paulo II encerrou o Ano Mariano (1988-2013). Recordava o Pontífice *A celebração do mesmo Ano Mariano terá início na Solenidade do Pentecostes no dia 07 de junho próximo*.³ Finalizava o Beato João Paulo II sua Carta Encíclica *Ao anunciar o Ano de Maria, eu precisava ainda que o seu encerramento será no ano seguinte, na solenidade da Assunção de Nossa Senhora ao Céu, querendo realçar o sinal grandioso no céu que fala o Apocalipse*.⁴

O Concílio Ecumênico Vaticano II através da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* torna atuante a presença materna e operante de Maria na vida da Igreja.⁵ Afirmava o

Santo Padre João Paulo II por ocasião do Ano Mariano *Seguindo a linha do Concílio Vaticano II, anima-me o desejo de pôr em relevo a presença especial da Mãe de Deus no mistério de Cristo e sua Igreja. Esta é uma dimensão fundamental que dimanava da mariologia do Concílio, de cujo encerramento já nos separa mais de vinte anos. O Sínodo extraordinário dos Bispos, que se realizou em 1985, exortou a todos a seguirem fielmente o magistério e as indicações do Concílio.*⁶

O encerramento do Ano Mariano em 1988 marcava, também, o centenário da chegada da Família Zecchinelli⁷ vinda da Província italiana do Vêneto às terras paulistas. Em 1896 chegaram os Leva da Província italiana do Piemonte. Depois de 100 anos da chegada eu escrevi um Livro sobre minhas origens.⁸ Há 77 anos (1936-2013) meus avós maternos dedicaram uma Capela a Nossa Senhora da Penha pedindo aos céus bênçãos e súplicas por ocasião de tempos difíceis.

No centenário da chegada dos LEVA às terras bandeirantes e no sexagésimo aniversário da Festa em Louvor a Nossa Senhora da Penha, introduzida pelos ZECHINEL, no bairro rural Cachoeira dos Martins, município de Monte Alto, apresento 'FAMIGLIA ZECHINEL LEVA' como memória resgatada, registrada e perpetuada, compreendendo a formação do povo paulista, a História da Imigração Italiana e mostrando ao mundo hodierno e à posteridade o caráter, a conduta e o valor dessa bravíssima gente.⁹

Portanto, nesse quarto de século apresento nesse Artigo carregado de significações, minhas pesquisas sobre Maria Santíssima por ocasião da Monografia do Curso de Teologia da Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, que teve como Tema Maria: Mãe do Redentor. Além das Considerações Preliminares apresento no Artigo o Plano de Deus e a Vinda de Jesus Cristo; Maria Santíssima nas Escrituras e Maria Santíssima Ontem e Hoje na vida da Igreja e no mundo. Concluo invocando Maria como Estrela da Evangelização e como Mãe que nos porta a Cristo Jesus, sobretudo nesse Ano da Fé proclamado pelo Papa Bento XVI.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Deus criou o Homem e a Mulher para que habitassem o mundo (Gn 1,27) e dominassem todas as coisas servindo-se delas para sua maior felicidade (Gn 1,28). Nesse plano perfeito, criado por Deus, o Homem não correspondeu ao seu chamado de viver em harmonia (Gn 3,6-7). O ser humano criou a morte para dominar (Gn 4,9-11), a disputa, o poder, a cobiça, tudo em contrário ao Plano do Criador.

No meio de toda essa turbulência um povo começou a ser formado. Os desvalidos e os marginalizados começaram a se agrupar na busca de formar um povo livre onde reinaria o Direito e a Justiça para com todos. Deus olhou para esse povo com amor paternal (cf. Is 41, 8-10). Desde sua caminhada inicial viu uma esperança para recuperar seu intento primeiro (Gn 1,27-30) para que vivessem em harmonia dando graças ao Único e Verdadeiro Deus. Através do povo que começa a trilhar novos passos numa conduta de reencontro com o Criador, nasce a possibilidade de ajustar o projeto de amor. O povo judeu formado de todo o resto marginalizado, ganhou esperança ante os olhos de quem os criou. O povo judeu passou a amar a Deus. Deus o escolheu e o estabeleceu como povo eleito.

Através dos Patriarcas Deus estabeleceu a Aliança, isto é, vínculo de profunda amizade. Nada mais poderia quebrar esse laço de estreito amor entre Deus e o Homem. Deus amando seu povo e esse agradecendo e louvando seu Criador.

A Aliança deveria perdurar para sempre. A semente de amor plantada no seio daquele povo escolhido e amado por Deus deveria espalhar para todos os outros povos. E numa crescente toda a terra estaria inundada e contagiada por esse tenro amor. O sistema igualitário foi implantado. Não haveria mais morte por cobiça. Todos protegeriam o órfão, a viúva, o estrangeiro e o pobre. A felicidade reinaria naquele povo, porque o laço de fraternidade seria espalhado para todos.

Mas o que para Deus seria eterno, porque tudo era bom e harmonioso (Gn 1,31), para o homem caía em desuso. A Aliança foi rompida e o vínculo de amor para com Deus e para com o outro foi quebrado. No meio do próprio povo eleito as rixas e ambições surgiram. Leis foram criadas para enriquecer a poucos em detrimento de muitos. Foram criadas leis que marginalizavam os impuros e empobrecidos dos que se asseguravam puros e agraciados por Deus.

Deus é misericordioso e não deixou de amar o povo, semente de uma nova humanidade. Enviou homens corajosos e imbuídos de fé, para restabelecer a Aliança quebrada. Os profetas surgiram do meio do povo para alimentar a esperança do Reino querido por Deus. Porém, os profetas, homens de Deus que falavam a Verdade, inquietavam muitos em Israel. Para fazer calar suas vozes mandavam matá-los. Os profetas denunciavam o mundo da luxúria e do poder, da divisão entre os homens estabelecida por leis injustas e anunciava um mundo de igualdade e justiça, um mundo da Aliança firmada pelos patriarcas com Deus onde o povo era ouvido e todos viviam com dignidade. *Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te foram enviados!* (Mt 23,37).

Todavia, a morte desses homens praticada pelos reis não calava a semente caída em terreno bom e seu eco era espalhado por toda a Palestina clamando justiça. Não eram ouvidas pelos reis, mas Deus ouvia os clamores do Povo (Ex 3,7). O povo caía desolado. Mataram os profetas. A quem recorrer senão a Deus? Mesmo nas dificuldades o povo não esquecia a Aliança e recorria sempre a Deus que é Amor. Deus envia ao mundo seu Filho nascido de mulher, Maria Santíssima.

O que me chama atenção em Maria Santíssima é notar uma presença marcadamente ativa na sua resposta para Deus e nas suas relações humanas. Somente na Anunciação (Lc 1,26-28) onde o anjo Gabriel a encontra em oração e em Pentecostes (At 2,1-13) onde ela está reunida em casa com os Apóstolos recolhida em oração à espera do Paráclito. Nas demais passagens bíblicas, Maria sempre esteve a caminho servindo e colaborando com Deus. Maria aceita sua missão, não na passividade, mas sai de si e se lança toda inteira a realizar seu chamado. Maria é mãe (Jo 2,1-12) que intervém junto a seu Filho nas Bodas de Caná. É mulher prestativa a ajudar sua parenta Isabel (Lc 1,39-45). É mãe que suporta o sofrimento de seu Filho na cruz, não desanimando, ao contrário, assume seu lado maternal e encorajador para com os Apóstolos órfãos do Mestre (Jo 19,25-27). É mulher ativa, que mesmo estando no Cenáculo, tem a força e a perspectiva de estar junto aos Apóstolos para encorajá-los a saírem pregando a Boa Nova anunciada por seu Filho.

Maria Santíssima e os Apóstolos reunidos (At 1,14) e impulsionados pelo Espírito Santo são encorajados a anunciarem Jesus Cristo. Maria é parte integrante da Igreja nascente. Ela, presente no Cenáculo, imbuída também pelo Espírito Vivificador, fomenta todos a proclamarem a Boa Nova trazida pelo Filho. Para a Igreja primeva Maria foi alento. Presente desde a Anunciação (Lc 1,26-28) até a cruz (Jo 19,25-27). Esteve presente no primeiro Milagre realizado por Jesus em Caná (Jo 2,1-12) e também em Pentecostes (At 2,1-13) sendo impulso gerador da Igreja.

Os Santos Padres não deixaram de exaltar Maria, a Mãe de Deus, em todas as cenas anunciadas pelo Novo Testamento. Os Santos Padres julgam que Deus não serviu de Maria como instrumento meramente passivo, mas julgam-na cooperando para a salvação humana com livre fé e obediência. Fizeram com que as verdades fossem asseguradas, justamente num período de turbulências e heresias. A fé e a firme convicção de seus posicionamentos fizeram desses homens baluartes e arautos das verdades sobre Maria, assegurando assim, as verdades sobre Jesus Cristo. O preço muitas vezes desses posicionamentos levaram muitos desses homens a morte. Mas entre deixar alastrar as heresias continuando vivos e anunciarem as verdades, mesmo causando a morte, preferiram assegurar as maravilhas que hoje podemos professar.

É possível pensar na Igreja sem pensar em Jesus Cristo? Porém, como pensar em Jesus Cristo sem pensar em Maria? É evidente que não podemos confundir nem ofuscar valores. Antes mesmo que Maria viesse a existir o Verbo de Deus já estava com Deus (Jo 1,1-5). Mas para que o Verbo se fizesse Homem (Jo 1,14) e viesse remir o mundo, Maria aceita ser a Mãe de Deus.

Em virtude da graça da divina maternidade e da missão pela qual ela está unida com seu Filho Redentor, e em virtude de suas singulares graças e funções, a Bem-aventurada Virgem está também intimamente relacionada com a Igreja¹⁰.

Um dia cantou o Magnificat (Lc 1,46-56) e certamente continua a cantar conosco e com todos que em nome da Santíssima Trindade se encontram, rezam e querem que o Reino anunciado por seu amantíssimo Filho se torne realidade. No Magnificat manifesta-se como modelo para os que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas da alienação, mas proclamam com ela, que Deus exalta os humildes e, se for o caso, derruba os poderosos de seus tronos.

PLANO DE DEUS E A VINDA DE JESUS CRISTO

A vinda de Jesus Cristo foi precedida por João Batista. Ele batizaria com água para a remissão dos pecados (Jo 1,26) iniciando o período escatológico. Jesus viria e batizaria com o Espírito Vivificador (Mc 1,8).

João Batista nasceu de uma velha e estéril mulher (Lc 1,18) para surpresa de muitos. Algo de maravilhoso estava ocorrendo. João anunciou que preparassem o caminho d'Aquele que viria (Lc 1,17). Gritou no deserto dos corações dos que haviam rompido com Deus (Jo 1,23). Muitos acorreram aos seus ensinamentos, mas a maioria estava dispersa como ovelha sem Pastor. João enfrentou autoridades para denunciar as injustiças e preparar o caminho do Justo. Sua cabeça foi a prêmio para os prazeres de reis e rainhas. Porém, sua voz ecoou e fincou raízes. O precursor cumpriu seu papel (Mt 3,2). Morto o Batista, só resta ao povo o Messias.

Todas as possibilidades de um reatamento com os homens foram empreendidas por Deus. Enviou os profetas e os mesmos não foram aceitos. Enviou João, mas também o mataram. Então na plenitude do tempo, nascido de mulher, Deus enviou seu Filho (cf. Gal 4, 4-5), para remir o homem de todo pecado.

Para que o Plano da Salvação fosse cumprido Deus convida Maria para colaborar e fazer parte dele. Eis que Maria, na visita do anjo Gabriel, perturbou-se (cf. Lc 1, 29), mas aceitou ser a mãe do Salvador (cf. Lc 1,38) e o Verbo se encarnou (cf. Lc 1,35). Em Maria, o Plano de Deus foi realizado. Por amor aos Homens Deus enviou seu próprio Filho para que esses reatassem com Ele a Aliança de Amor.

Deus, em Maria, envia seu Filho para remir o pecado que afastava o homem de seu Criador. Maria não vacilou e trouxe ao mundo o Salvador, gerado em seu ventre, por obra e graça do Espírito Santo. Cumpriam-se as Sagras Escrituras: nasceu o Salvador (cf. Lc 2,6-7). Deus é apaixonado pela liberdade do homem, mas se alegra com o nosso sim. Estupenda foi a generosidade da Virgem ao dizer sim aos desejos de seu Deus e Senhor. Imensa e infinita a Misericórdia do Criador que escolheu, chamou e assumiu Maria como interlocutora e cooperadora de seu Mistério de Amor. Deus é sempre Amor que amou primeiro.

MARIA SANTÍSSIMA NAS ESCRITURAS

JESUS CRISTO NASCIDO DE MULHER

Quando, porém, chegou à plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial (Gal 4,4-5).

O Apóstolo Paulo nos mostra um tratado de Cristologia e Mariologia. Esse homem de fé tem muito a nos dizer. Apenas algumas palavras encerram as maravilhas de Deus que ele tanto amou. Ele, na pessoa de Maria, enaltece a humanidade. Em Maria e seu sim aos planos divinos pode compreender e admirar o mistério de amor pelo qual nos vem à salvação.

Para que o Filho de Deus pudesse vir ao mundo, na plenitude do tempo, nascendo sob a lei, para que pudéssemos ser adotados como filhos e filhas foi preciso que Ele nascesse da carne. Deus enviou seu Filho nascido de mulher (cf. Gal 4,4). O Verbo foi encarnado em Maria, que aceitou o convite em ser a mãe do Redentor. Deus enviou seu próprio Filho restabelecendo a Aliança com os homens. Jesus Cristo veio para nos remir e dar a cada um de nós a condição da filiação divina (cf. Gal 4,5).

ANUNCIAÇÃO

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: 'Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!'. Ela ficou intrigada com esta palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação (Lc 1, 26-29).

É maravilhoso perceber Deus agindo na História. Deus convida e convoca as pessoas para realizarem com Ele um Plano que é só Amor. A História da Salvação atingiu uma

etapa singular com a vinda do Messias ao mundo, para remir o Homem do pecado. Para que o Filho de Deus viesse ao mundo, de maneira que todos pudessem vê-lo e compreendê-lo, Deus convidou Maria para colaborar no seu plano. Maria é mãe de Cristo, Filho de Deus (Lc 1,32) e também mãe virginal do Cristo (Lc 1,34-35). Cristo é na verdade, ao mesmo tempo Deus e Homem, desde o momento de sua encarnação (Jo 1,1). A concepção é atribuída à ação do Espírito Santo (Mt 1,18-21).

Maria de Nazaré foi escolhida por Deus para ser a mãe do Redentor. Lembra-nos a Teologia do século XIV que a encarnação foi não somente obra da vontade do Pai e do Espírito Santo, mas também obra da vontade e da fé incomparável da Virgem Mãe. Sem o seu consentimento este desígnio seria tão irrealizável quanto sem a intervenção das três Pessoas Divinas. Somente após tê-la instruído e persuadido é que Deus a escolhe por Mãe e toma-lhe emprestado do que ela de bom grado lhe quer ceder. Assim como desejava encarnar-se, assim também queria que sua Mãe o gerasse livremente, com adesão de sua vontade.

Deus a visita, através do Anjo Gabriel, e a encontra em oração. Surpresa e perturbada com tais palavras ela não vacila e aceita o convite. No sim de Maria aos planos divinos podemos compreender e admirar o mistério de amor pelo qual vem a salvação. A mulher de Nazaré foi agraciada para tal missão. Deus a escolheu porque Maria sempre o amou. Maria se colocou nas mãos de Deus para que o próprio Verbo de Deus pudesse se encarnar e continuar a realização desse Plano que é só Amor. O Sim de Maria decidiu o Mistério Divino.

VISITA A ISABEL

Naqueles dias Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, quando Isabel ouviu a saudação de Maria a criança lhe estremeceu no ventre, e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. Com um grande grito, exclamou: 'Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre! Donde me vem que a mãe do meu Senhor me Visite? Pois quando a tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria em meu ventre. Feliz a que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do senhor será cumprido!' (Lc 1, 39-45).

Os afazeres caritativos de Maria começaram cedo, antes mesmo que o Salvador nascesse. Ela se entregou de tal maneira a Deus que sempre esteve disposta a colaborar. Antes de Jesus nascer Maria ajudou sua parenta Isabel também ela agraciada por Deus. João Batista se encontrava no seio de sua mãe e estremeceu de gozo e comunicou à estéril anciã, transformada miraculosamente em mãe fecunda, para conceber o último fruto do antigo Israel, o testemunho sobre aquele que vem. Para Deus nada é impossível. No ventre de Isabel estava sendo gerado João, aquele que gritaria no deserto pedindo conversão, e no ventre de Maria estava o Filho de Deus a caminho.

Quando Isabel reconhece que Maria trazia em seu ventre o Messias empresta a sua voz ao seu filho, ainda sem voz – como Maria ao dela – para tornar-se assim precursora do precursor, testemunha de Cristo e, indiretamente, da mãe de Cristo, precursora de Cristo. Maria, porém, não recebe para si a exaltação. No silêncio nutre toda a vontade de amar a Deus. O reconhecimento da exaltação foi manifestado àquele que estava vindo – o Messias –.

MAGNIFICAT

Maria, então disse: 'A minha alma engrandece o Senhor, e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas por mim. O seu nome é santo, e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderoso de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos, e despediu ricos de mãos vazias. Socorreu Israel, Lembrado de sua misericórdia, - conforme prometera a nossos pais - em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre! 'Maria permaneceu com ela mais ou menos três meses, e voltou para sua casa' (Lc 1,46-56).

Deus sempre foi a favor da humanidade. Para concretizar seu Plano de Amor enviou seu Filho nascido de mulher (Gl 4,4). Maria ficou do lado dos seus e ao cantar o Magnificat deu provas do seu amor a Deus (Lc 1,46) e aos homens (Lc 1,53).

O Magnificat é um verdadeiro Hino a todas as pessoas que prezam a vida. O anjo Gabriel a convida ao gozo e à alegria e no Magnificat Maria exulta. Detenhamo-nos por olhar esse rosto de Maria que se alegra e que se inflama de gozo. Vejamo-la prorromper num cântico. Se alguém não sente essa alegria em si, olhe o rosto iluminado de Maria crente e escute a exaltação do Magnificat e deixe-se inspirar e contagiar por essa alegria. Vemos a preferência de Deus (Lc 1,53). Nesse hino percebemos qual o reino que jamais passará. (Lc 1,52). Todo ele é manifestado das maravilhas do Amor.

Maria agradece a Deus (Lc 1,51). Estupenda a generosidade da Virgem que diz sim aos desejos de Deus e Senhor. Imenso e infinito é o carinho do Criador que escolheu, chamou e assumiu Maria como interlocutora e como cooperadora de seu Mistério de Amor. Maria sempre foi fiel a essa generosidade (Lc 1,46-47).

BODAS DE CANÁ

No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para as bodas e os seus discípulos também. Como não houvesse mais vinho, a mãe de Jesus lhe diz: 'Eles não tem vinho'. Responde-lhe Jesus: 'Que temos nós com isso, mulher? Minha hora ainda não chegou'. Sua mãe diz aos serventes: 'Fazei tudo o que ele vos disser'. Havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada um contendo de duas a três medidas. Jesus lhes diz: 'Enchei as talhas de água'. Eles a encheram até a borda. Disse-lhes então: 'Tirai agora um pouco e levai-a ao mestre-sala'. Eles a levaram. Quando o mestre-sala provou da água transformada em vinho (-ele não sabia de onde vinha, mas o sabiam os serventes que haviam retirado a água -) chama o noivo e lhe diz: 'Todo homem serve primeiro o bom vinho e, quando os convidados já estão embriagados, serve o pior. Tu guardaste o bom vinho até agora!' Este início dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou a sua glórias e os seus discípulos creram nele. Depois disso, desceu a Cafarnaum, ele sua mãe, os irmãos e os seus discípulos e ali ficaram apenas alguns dias (Jo 2, 1-12).

Ao lado do Filho que caminha, Maria, sua mãe, o acompanha. Está nos momentos mais importante de sua vida. O Evangelista João não a chama pelo nome, mas simplesmente como a mãe de Jesus. São João, ao evitar chamá-la de Maria ou mãe de Jesus, em lugar

de silenciar o nome próprio daquela mulher, estaria a nos revelar o verdadeiro nome dela, aquele que melhor exprime a sua razão de ser e existir.

Numa festa, em Caná da Galileia, Maria colaborou para que seu Filho realizasse o Milagre do Vinho. Ela interveio para que Ele realizasse o sinal, mas não requereu para si os elogios. Jesus Cristo deveria ser reconhecido como Filho de Deus. Ela colaborou para que o milagre acontecesse.

Maria Santíssima é para São João testemunha na vida de Jesus. A sua presença do começo ao fim é como uma irrupção súbita, mas iluminadora, comparável ao duplo e inesperado trovão da voz do Pai no Batismo e na Transfiguração. Esta mulher esteve presente desde o início da manifestação de Jesus em Caná por ocasião de uma festa matrimonial. Mãe e Filho tocam no tema da Aliança. A Antiga e a Nova Aliança. Vinho Velho e Vinho Novo. Em Caná, graças à intercessão de Maria e a obediência dos servos, Jesus dá início a sua hora. Jesus ao dizer: 'Mulher, o que há entre mim e ti? Ainda não chegou a minha hora', em lugar de negar um relacionamento com Maria faz referência antecipada ao fato de que entre Ele e sua Mãe surgirá um vínculo perfeito, perante o qual fortalecerão os laços que os unem na carne e no Espírito. Vínculo tão forte que será possível dizer que a hora de Jesus é simultaneamente a hora de Maria. A hora de um parto escatológico na qual o crucificado lhe indica em João o filho de suas dores, primogênito da Igreja. Em Caná, Maria aparece como quem acredita em Jesus. Sua fé provoca como quem provoca da parte dele o primeiro milagre e contribui para suscitar a fé dos discípulos. Atenta às necessidades dos outros, Maria intercede a seu Filho para sanar tais dificuldades. Tem para si somente o desejo de servir.

Maria sempre foi a Cheia de Graça, portadora da bênção e da predileção do Altíssimo. Nem por isso deixou de viver a nossa condição humana. Viveu-a de tal forma que intercede a seu Filho junto aos mais necessitados. Está sempre à frente dos que precisam e sempre se mostrou prestativa e solidária.

AOS PÉS DA CRUZ

Perto da cruz de Jesus, permanecia de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cleofas e Maria Madalena. Jesus então, vendo a sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: 'Mulher, eis o teu filho!' Depois disse ao discípulo: 'Eis a tua mãe!' E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa (Jo 19,25-27).

Até o último instante Maria esteve presente na vida de Jesus. Esta mulher ativa e seguidora fiel dos passos de seu Filho esteve junto a Ele no sofrimento da cruz. A descrição de São João é concisa: 'Estavam junto à cruz de Jesus sua mãe, à irmã de sua mãe, Maria, a mulher de Cleofa e Maria de Magdala. Jesus, então vendo a mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à mãe: *Mulher, eis teu Filho*. Depois, disse ao discípulo: *Eis tua mãe! E partir daquele momento, o discípulo levou-a a sua casa* (Jo 19,25-27).

O Evangelista João nos coloca no seu relato que, aos pés da cruz, estava a Mãe de Jesus (Jo 19,25), e acrescenta mais adiante que sua Mãe foi entregue ao discípulo amado (Jo 19,27) como que a entregando para toda a humanidade. Esta nova maternidade de Maria, portanto, gerada pela fé, é fruto do novo amor, que nela amadureceu

definitivamente aos pés da Cruz, mediante a sua participação no amor redentor do Filho. Por Maria, Jesus se entrega por nós para nos salvar. As palavras de Jesus pronunciadas no alto da cruz significam que a maternidade de sua Genetrix tem uma nova continuação na Igreja e mediante a Igreja, simbolizada e representada por São João. É o reconhecimento àquela que muito amou. Segundo o eterno designo da Providência a maternidade divina de Maria deve estender-se à Igreja, como estão a indicar certas afirmações da Tradição, segundo as quais a maternidade de Maria com a Igreja é o reflexo e o prolongamento da sua maternidade para com Filho de Deus.

PENTECOSTES

Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído semelhante ao soprar de impetuoso vendaval, e encheu toda a casa onde se achavam. E apareceram umas como línguas de fogo, que se distribuíram e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os impelia que falassem.

Achavam-se então em Jerusalém homens piedosos de todas as nações que há debaixo do céu. Ao se produzir o ruído, a multidão se reuniu e estava confusa: pois cada qual os ouvia falar em sua própria língua. Estupefatos e surpresos, diziam: 'Não são todos galileus esses que falam? Como é, pois que cada um de nós os ouve em sua própria língua materna? Partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judéia e Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e da parte da Líbia limítrofe de Cirene, romanos aqui residentes. Judeus e prosélitos, cretenses e árabes, ouvimos em nossas línguas apregoar as maravilhas de Deus! Estavam todos assombrados e, perplexos, diziam entre si: 'Que vem a ser isto?' Outros, porém, zombaram: É porque estão cheios de vinho doce! (At 2, 1-13).

Reunidos no Cenáculo estavam todos temerosos pelos acontecimentos. Os Apóstolos estavam incertos de tudo o que poderia acontecer. O Mestre estava morto e as expectativas não traziam nenhum alento. Rezavam e confiavam no Senhor. Maria também estava presente naquele momento. Ela que havia participado da vida de seu Filho, não poderia deixar de estar no Cenáculo, momento singular para a Igreja.

O Espírito Vivificador, prometido por Jesus, soprou sobre cada um deles e todos ficaram confiantes para anunciarem a Boa Nova aos Homens. O lugar onde estavam os Apóstolos, outrora temerosos, ganhou uma nova força incapaz de amedrontá-los para anunciar o Evangelho até os confins da terra.

Maria também estava lá presente animando a todos. Estimulava a cada um com seu amor materno, assim como quis seu Filho (Jo 19,27). E os Apóstolos, destemidos, partiram para todos os lugares, também como quis o Mestre (Mt 28,19-20) anunciando a Boa Nova por Ele proclamada.

MARIA SANTÍSSIMA ONTEM E HOJE

No decorrer da História da Salvação nós vemos figuras que colaboram com Deus no seu Plano. Não seria diferente com Maria. Deus a convidou para participar do seu Plano. A leitura que fazemos dela não é individualista ou intimista, mas calcada na experiência pessoal a favor de todos os homens. Deus dirige a ela a proposta de colaboração. A

Deus ela dirige seu sim (Lc 1,38). Maria desejou contribuir com Deus para a Salvação de todos.

Em Maria o Verbo de Deus veio habitar na plenitude dos tempos (Gal 4,4-5). Maria não representou somente a si, mas a toda Israel e, por extensão, a toda a Humanidade. Maria é mãe do Filho de Deus (Lc 1,32-33) e também mãe de todos os Homens (Jo 19,25-27).

O Novo Testamento, sobretudo os Sinóticos, fala de Maria expressamente. São João enumera duas passagens: nas Bodas de Caná (Jo 2,1-12) e aos pés da Cruz (Jo 19,25-27). Fala-nos na Mãe de Jesus. Nos Atos dos Apóstolos, atribuídos a São Lucas, o Evangelista menciona Maria no Cenáculo junto aos Apóstolos à espera do Paráclito. Paulo a menciona no nascimento de Jesus (Gal 4,4). A visão da mulher apocalíptica (Ap 12,1-6; 13-17) em Maria é no máximo possível como uma interpretação espiritual.

Na manhã de Pentecostes a Igreja se manifestou ao mundo. O Espírito Santo pousou sobre os Apóstolos e Maria estava com eles e perseverava na oração. Maria é mãe dos Apóstolos de Cristo e de todos os que se colocam no seguimento de Jesus. Ela sempre esteve à nossa frente e acreditou nas promessas do Senhor. Ela é para nós modelo de santidade no seguimento a Jesus Cristo. Maria, a Mãe de Jesus, continua sendo portadora da Salvação e sua presença está viva em nosso meio.

Maria esteve presente no Cenáculo à espera do Paráclito. Continua presente nas comunidades como Mãe que não desampara em nenhum momento seus filhos e filhas. Maria é a mãe que procura o Filho no Templo (Lc 2,46-50); é a mãe que suporta as dores pelas palavras preferidas por Simeão (Lc 2,34-35); Maria é presença viva que mantém viva a chama daqueles que querem a Salvação; é a mãe que procura estar sempre perto de seus filhos e não os perde de vista.

“Feliz aquela que te carregou no seio e te alimentou no seu peito” (Lc 11,27). As pessoas sabem elogiar e enaltecer aquela que colaborou com Deus no seu plano de Salvação. Jesus Cristo vai além, e Ele mesmo elogia sua Mãe com palavras de reconhecimento: *Felizes, sim, os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática* (Lc 11,28). Falava assim, porque sua mãe esteve atenta à Palavra de Deus e sempre colaborou de maneira a colocar em prática tais palavras. Maria soube ser Mãe de Jesus, porque como mãe nunca o deixou sozinho. Com ele esteve desde os primeiros cuidados alimentando-o até aos pés da cruz no momento da sua morte.

Maria é mulher de oração quando da Anunciação (Lc 1,26-28): o Anjo Gabriel a encontra rezando. É mulher forte que mesmo grávida se põe a servir sua parenta Isabel (Lc 1,39-45). É mãe que alimenta seu menino nos braços (Lc 11,27) e lhe dá ternura. É mãe que o acompanha e o ajuda em Caná para que se manifeste ao mundo (Jo 2,1-12). É mãe chorosa que acompanha seu Filho até o Calvário (Jo 19,25-27). Mas, sobretudo, é Mãe que confia. Em Pentecostes (At 2,1-13) Maria reconheceu seu Filho como o Redentor de todo gênero humano. Confiou e rezou para que o Espírito Santo Paráclito prometido por Jesus Cristo inundasse a Terra de alegria.

CONCLUSÃO

Na Eclesiologia destacamos Jesus Cristo, como Filho Altíssimo enviado do Pai, para resgate de toda a humanidade. No Plano de Deus em Maria tudo se refere a Cristo e tudo depende dele *Pois a Virgem Maria, que na Anunciação do Anjo recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo e trouxe ao mundo a Vida. É reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor.*¹¹ Em Jesus Cristo temos a primazia da Salvação, pois Ele é o único mediador junto ao Pai (Jo 1,18; 14,6). *Por isso a Bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora Adjutriz, Medianeira.*¹²

Arrancar Maria de suas raízes humanas e transformá-la em divindade feminina não é nada cristão. Isto é tentação de muitas pessoas de fé mal esclarecida. Ao se tornar Mãe de Jesus Cristo, ela não mudou de natureza, nem adquiriu poderes ou qualidades sobre-humanas. Continuou mulher com suas limitações e percorreu o mesmo itinerário de Fé para atingir a meta suprema da vida que é Deus. Não foram os méritos pessoais que elevaram a Virgem à suprema grandeza de conceber e gerar o Filho de Deus encarnado. Tudo foi graça de Deus. A fé cristã e católica não diviniza a pessoa de Maria, nem lhe destrói a humanidade idêntica à nossa.

Quando solicitado a apresentar a Monografia para Conclusão do Curso de Teologia me veio a lume o tema Maria: Mãe do Redentor. Lugar privilegiado foi lembrar os momentos de encontros em torno da Capela em louvor a Nossa Senhora da Penha erigida pelos avós Zechinel. Acorrer a Mãe que suplica ao Dileto Filho recordando as Bodas de Caná. A vida de fato é uma festa e deve ser sempre celebrada. Nós cristãos católicos levamos a sério os ensinamentos de Jesus Cristo e manifestamos nosso amor para com a Eucaristia e Maria Santíssima. Juntando as celebrações às lembranças documentei meus estudos à luz da Lumen Gentium e do Ano Mariano encerrado por João Paulo II em 1988.

O Verbo estava com Deus (Jo 1,1-15) e em Maria veio ao mundo como homem (Jo 1,14) para que todos n'Ele acreditássemos (Jo 1,7) e tivéssemos a Vida Eterna (Jo 6,68; 17,3). Maria como estrela da Evangelização é luzeiro que vai à frente conduzindo e orientando cada um de nós, para que colaboremos com o Reino de Deus, anunciado por Jesus Cristo, Filho Altíssimo do Pai gerado no Espírito Santo. Jesus Cristo é nosso Salvador e único Mediador (1Tm 2,5-6). Seja o Ano da Fé proclamado pelo papa Bento XVI em 11 de outubro de 2012 ocasião favorável para conhecermos, amarmos e anunciarmos Jesus Cristo aos povos. Amá-lo em profundidade para segui-lo sempre através do modelo de santidade de sua e nossa Mãe Maria Santíssima. O Ano da Fé será encerrado no dia 24 de novembro de 2013, Solenidade de Cristo Rei, na presença do Sumo Pontífice.

BIBLIOGRAFIA

- BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. Vol II; São Paulo: Loyola, 1983.
- BECK, E. *O Filho de Deus Veio ao Mundo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- BOFF, C. *Nossa Senhora das Bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- BOJORGE, H. *A figura de Maria através dos Evangelistas* São Paulo: Loyola, 1977.
- BROWN, R. E. *et alii. Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CAFFERATA, I. *Maria, Mãe de Jesus e Nossa Mãe*. São Paulo: Paulinas, 1986.

- CARRETO, C. *Maria, a Mulher que acreditou*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- DAHER, P. *Eis tua Mãe*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- Documentos da Igreja. Encíclicas de João Paulo II. Carta Encíclica *Redemptoris Mater* do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja na vida da Igreja que está a Caminho. São Paulo: Paulus, 1997, p. 381-544.
- EVDOKIMOV, P. *A Mulher e a Salvação do Mundo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- GALVÃO, A. M. *Magnificat: O Evangelho segundo Maria*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LARRANAGA, I. *O Silêncio de Maria*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- LEVA, José Ulisses. *Famiglia Zechinel Leva*. São Paulo: Loyola, 1996.
- KUNG, H. *et alii. Maria nas Igrejas: Perspectivas de uma Mariologia Ecumênica*, Concilium 188-1983/8, Petrópolis: Vozes.
- MESTERS, Carlos *Maria, a Mãe de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PESSATI, J. *A Mulher em quem debes confiar*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- QUÈRÉ, F. *As Mulheres do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- SARAIVA, A. P. *Maria da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- VIGIL, J. M. *Maria de Nazaré*, Ed. Paulinas, SP, 1987.
- VV.AA. *Maria Libertadora na Caminhada da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- VV.AA. *Culto a Maria, Hoje*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- Conferência Geral do Episcopado Latino Americano *Documento de PUEBLA* São Paulo: Paulinas, 1979.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1968.

NOTAS

¹ Documentos da Igreja. Encíclicas de João Paulo II. Carta Encíclica *Redemptoris Mater* do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja na vida da Igreja que está a Caminho. São Paulo: Paulus, 1997, p. 381-544.

² *Redemptoris Mater*, p. 458.

³ *Redemptoris Mater* foi redigida em Roma e dada junto de São Pedro, a 30 de dezembro do ano de 1987, p. 459.

⁴ *Redemptoris Mater*, p.461.

⁵ Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. Capítulo VIII: A Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja.

⁶ *Redemptoris Mater*, p. 458.

⁷ Pesquisas realizadas na Hospedaria dos Imigrantes, atualmente Museu da Imigração, encontrei os passaportes originais e mostravam os nossos sobrenomes grafados incorretamente.

⁸ LEVA, José Ulisses. *Famiglia Zechinel Leva*. São Paulo: Loyola, 1996.

⁹ LEVA, José Ulisses. *Famiglia Zechinel Leva*, p.5.

¹⁰ *Compêndio Vaticano II*, *Lumen Gentium*, p. 109.

¹¹ *Lumen Gentium*, p. 103.

¹² Lumen Gentium, p 109.